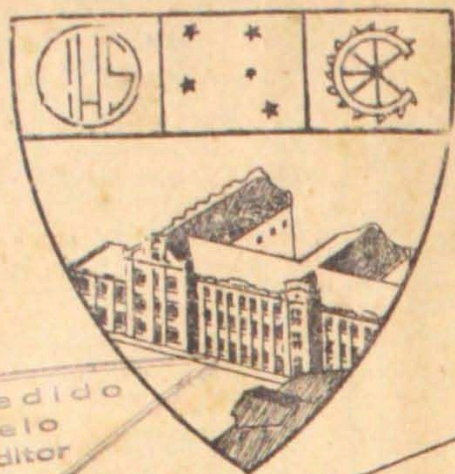




O COLEGIAL

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO CATAQUINENSE

Ano III

Florianópolis, Julho de 1947

N. 5

Comemoração do Dia de São Luiz no Colégio

São Luiz, Padroeiro da Mocidade, sempre tem sido para nós estudantes um guia que nos dirige pelas sendas da vida, através seus exemplos deixados por uma vida pura e santa.

Assim não poderíamos ver passar seu dia sem que o homenageássemos e confirmássemos nossa admiração e devoção.

Pela manhã, foi rezada Missa Solene festiva e após esta foram realizados torneios esportivos entre os alunos.

A noite realizou-se uma reunião a qual foi promovida por diversas associações do Internato, religiosas e literárias, dirigidas pelo esforço do Pe. Alvino B. Braun.

O programa cuidadosamente elaborado é o que segue:

- Canto-Honra tu da juventude.
- Geração de castos, por Tycho B. F. Neto.
- Copiar Maria, Brian Fairon.
- Roque Gonzalez, por H. Bez Batti.
- S. Luiz, por José R. Pereira.
- Prefácio da Pureza, Ariovaldo Burigo.
- Conferência: — S. Luiz, por A. Luiz Schmitt.
- Anchieta, por Cláudio Tomazelli.
- S. Luiz, Carlos J. D. M. da Silva.

Os oradores com raro brilho deram prova de grande afeto e veneração a aquele que é seu padroeiro.

Estando presente, o sr. Deputado A. C. Konder Reis, fez uma brilhante conferência.

Sintetizando a conferência do aplaudido orador A. L. Schmitt e as poesias, encerrando sentido sobrenatural, o nobre deputado salientou o valor da vida interior — o valor da convicção interna religiosa — em oposição ao trabalho externo que conforme a concepção ascética do orador, devem emanar da convicção interna, devem ser o fruto da disposição interna da alma unida a Deus.

Muitos, contudo, querem impor as convicções religiosas internas meramente com o esforço externo,



Homenagem do «O Colegial» ao Representante de CRISTO S. S. PIO XII

multos se perdem com atividades externas... mas valor primordial tem a disposição religiosa da alma... e dela devem brotar os trabalhos externos como efeitos necessários.

Em outras palavras, salientou a força centrífuga em oposição a força centrípeta.

Continuando dizendo que São Luiz Gonzaga nos deu o exemplo palpante desta atitude. Rejeitou o trabalho externo de administrador, governador, de general para dedi-

car-se ao aperfeiçoamento de sua alma aumentando o valor da graça, do auxílio de Deus para assim ter uma eficiência maior.

Luiz rei, Luiz general, Luiz administrador teria desaparecido dos anais da história, mesmo local.

Luiz o asceta, Luiz o jovem da oração, Luiz o homem da vida interior, Luiz o Santo continua a luzir no céu da humanidade para ser o exemplo a todos os jovens talhados para os ideais sublimes.

Red.

A Pasta do Hélio

Estávamos num Sábado, na 4ª aula, cuja matéria e professor, no momento, não me ocorre, — quando um dos meus colegas, cujo nome não quero dizer, teve a idéia de fazer com que os livros do Hélio atravessassem a sala toda.

E vogaram os livros, de mão em mão. E, quando por mim passaram, estranhei, pois — o que? — a cochichar estavam os livros!

O livro de português dizia: Puxa! que viagem desagradável, a passar por debaixo das carteiras dos outros, que às mãos nos tomam e nos jogam por baixo da carteira! Meus nervos e ossos não aguentam mais!

O que nos salva é que o senhor Atlas, o maior dos livros, alivia um pouco o choque; mas o coitado não aguenta mais. É sexagenário! Já foi do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça. Está dando os pregos; a capa já está toda amassada. O seu parceiro, o livro de Geografia, é que o está auxiliando. A minha encadernação tão nova está-se estragando, nestas mãos cruéis que nos querem dar fim.

A primeira viagem que eu fiz, foi desde a casa matriz, onde me fabricaram, até a livraria. E isto tudo — de avião, junto com meus irmãos, todos iguaisinhos a mim. Não sei como, — de uma vida tão feliz, que levávamos, quando até agora viemos ensinando estes alunos, passamos entretanto para tal situação e para tal vergonha.

Veja como riem — o inglês e a matemática. Não vê?! Ali! ali dentro daquela pasta novinha. Ela é de um rapaz mais acautelado que por ela e por eles vela.

Agora, como vê, estamos parados. Quê! Levantaram-nos de novo.

Isto não é vida de livro! Nós que lhes damos cultura... e eles nos pagam assim.

— "Isto mesmo, dona Gramática, esta nossa viagem (retrucava Mr. Atlas) está quase igual à viagem que me contou um rapaz desta mesma série, — a que faz o ônibus que vai para Biguaçu".

— Olhe, seu Atlas, a "cara" de nosso dono: a rir e brincar; e nem nos dá por quem faltando está. Olhe como aquela fileira ri! São

(Continde)

(Conclusão)

os malvados que nos passaram adiante. Estou quase morrendo de cansaço! E conosco não paramos. Já estamos na fileira dos bancos do meio. Isto é uma tortura chinesa! Eles nos chutam!

Pensam que somos tão resistentes, tais qual uma bola de futebol. E assim mesmo, elas também re-bentam. Acho que me irei aposentar, no ano que vem. Meu coração não é o mesmo que quando era eu mais moço.

Às vezes eu penso que já morro. Ah! com esta injunção, vou morrer de depressão!

Olhe! Está vendo, dona Gramática? Parece que o professor está falando e indagando por nós, olhe!

Estão-nos levantando! Lá vem o nosso dono. Ele, sim, nos vem buscar. Aqueles malvados que o martírio nos começaram... olhe! Quem é que o professor está repreendendo? É o W., aquele que zela as cadernetas. Outro também! É o Silvio. Agora, outro se levantou: é o H. Diz-lhes o professor que esperem após a aula.

Estás-me ouvindo, régua? Tu és meio surda; mas não faz mal. Sabes? Estamos de novo em nosso caro banco, e no nosso lugarzinho. Não é melhor do que o outro, em que a toda hora, estávamos sendo chutados?

Mas vamos ouvir o que diz o professor a respeito das risadas, atenção!

"Agora vamos com isto acabar, se não quiserem fazer a redação em caprichado estilo: A Fabulosa Viagem de Mma. Pasta".

Foi assim que eu "cacei" estas três páginas de redação. Está pronto! Desculpem... tenho de ir logo entregá-las.

Hamilton, 4ª Série B.

Os Três Mosqueteiros

No ano de ..., no reinado de Luís XIII, mais ou menos, havia na França um célebre regimento que se immortalizou com o nome de "Os Mosqueteiros". Eram exímios na espada e no mosquete. Todo moço desejava ser mosqueteiro deste regimento, assim como aconteceu com um, que era afilhado do chefe dos mosqueteiros, mas que, para entrar no regimento, precisava — era determinação do rei — ter cursado os dois anos de cadete. Ou precisava ter feito algo de valor, algo de heróico.

O jovem D'Artagnan, como se chamava, quis desanimar, porque tivesse de esperar ainda dois anos. Mas contudo, reviravoltou e se manteve firme no ânimo e no propósito.

Havia no regimento três — que se chamavam Portos, Aramis e Athos, os quais eram os mais valentes de todos os mosqueteiros, metendo-se constantemente em duelos com os guardas do cardeal de Richelieu, que quase "mandava" no rei.

Recebi sempre estes três repressões do comandante.

Mas era inútil: não se corrigiam. Qualquer coisa para eles era o duelo! D'Artagnan também era assim e... descendo uma escada, esbarrou em Athos. E este logo propôs um duelo, que seria travado num lugar afastado, e à uma hora da tarde.

Mais adiante, D'Artagnan impetuoso tropeçou em Aramis belicoso — e, depois de só algumas palavras de ambos, Aramis desafiou a um duelo, à uma hora da tarde, em um lugar afastado que, por coincidência, ficou sendo o mesmo lugar, proposto havia pouco por Athos.

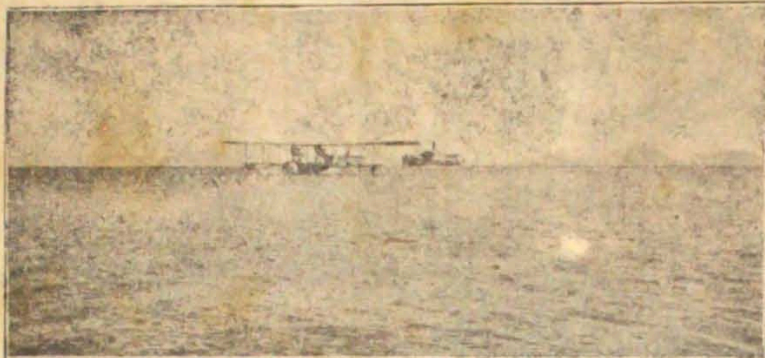
Saindo dali, D'Artagnan, com a pressa em que estava, derrubou numa esquina o terceiro, que era Portos.

Santos Dumont

20 de Julho de 1873 marca uma data de ufania para o Brasil, pois foi neste dia que nasceu aquele que ao nome do Brasil exaltou nos céus da Europa.

Santos Dumont, que viveu muitos anos em Paris, regressou ao Brasil em 1913, aqui chegando no dia 2 de Janeiro do ano seguinte. Para melhor ilustrarmos sua vida, transcrevemos um trecho de um jornal da época, "O Imparcial",

de 2-1-1914: "Como estava anunciando, chegou ontem a esta capital o nosso glorioso patricio Santos Dumont, que teve uma brilhante recepção. Em todas as suas esplêndidas victórias aeronáuticas ganhas na capital da França, o eminente brasileiro nunca se esqueceu da pátria, fazendo tremular o pavilhão auri-verde ao lado da bandeira tricolor. Em 1901, quando obteve o sensacional sucesso, ganhan-



Hidro-Avião na nossa Baía do Norte em 1924

do o prêmio Deutsch (125.000 francos), por ter contornado pela primeira vez a torre Eiffel, o seu nome se impôs logo à admiração universal. A sra. Condessa d'Eu ofereceu-lhe um almoço, saudando-o com estas palavras que o glorioso aviador publicou no seu livro "Dans l'air": "Vos évolutions aériennes me rappellent le vol de nos grands oiseaux du Brésil. Puissiez-vous tirer de votre propulseur le parti qu'ils tirent de leurs ailes, et réussir pour la gloire de notre pays commun".

Dias depois, d. Isabel lhe enviava com uma carta muito amistosa uma medalha de S. Bento, "contra os desastres", que Santos Dumont traz sempre no pulso esquerdo. O nosso ilustre patricio ganhou novo prêmio Deutsch, a 19 de Outubro

de 1901, no seu dirigível "Santos Dumont n. 6". Dos 125.000 francos recebidos, deu 75.000 ao prefeito de polícia, para distribuir entre os pobres de Paris, e os outros 50.000, distribuiu-os pelos seus empregados. Ao mesmo tempo recebia ele do governo do Brasil (na presidência do dr. Campos Salles) 100 contos de réis, votados pelo congresso, e uma medalha de ouro desenhada e gravada no Rio. Representa essa medalha Santos Dumont, conduzido pelo Victória e coroado de louros pela Fama alada; por baixo, uma paródia do verso dos Lusíadas "por céus nunca dantes navegados" que Dumont tem sempre trazido na flâmula dos seus dirigíveis.

RED.

Este não contou tempo. Tirou... tiraram ambos as espadas. Mas, como o local estava cheio de gente, combinaram fazer o duelo no lugar — também o mesmo dos dois primeiros.

No outro dia, preparou-se D'Artagnan e foi em corrida para o local do duelo. Athos estava esperando já e, cavalheiro como era, quiz que D'Artagnan primeiro descansasse; mas este não o quiz, alegando, de sua parte, que Athos também se mostrava ferido no braço, de um duelo anterior.

Estavam por iniciar, quando advêm Portos e Aramis: cada qual queria com D'Artagnan bater-se por primeiro que os outros dois. E tiraram a sorte com um níquel. Iniciado, enfim, outra vez o duelo, eis que aparecem os guardas do Cardeal-Ministro (era proibido o duelo pelo rei) — e lhes intimam que ou deixem-se espontaneamente recolher presos ou teriam de violentamente obrigá-los.

O que os três mosqueteiros queriam — era isto mesmo; e disseram que não iam. Conferenciaram entre si (eram três contra seis). Iam começar, quando se pôe D'Artagnan a campo, em favor dos mosqueteiros.

O primeiro adversário de D'Artagnan saiu após pouco de campo, afim de tomar a espada que longe tinha sido lançada por D'Artagnan. O segundo adversário, — a mesma coisa! Dos seis, dois estavam fora de combate. Assim ficavam um contra um, e os guardas do cardeal foram imediatamente batidos, tivessem embora principiado com

superioridade numérica. Os três e mais D'Artagnan se retiraram rindo, e cantando o hino dos três mosqueteiros. Beberam e ficaram sendo, depois disso, íntimos amigos e companheiros.

Como D'Artagnan fôra chegado a Paris naquele mesmo dia, não tinha ainda cogitado onde poder dormir. Mas, como tudo tem remédio, entrou pela porta de um judeu e, tirando um papel do bolso, simulou ler um decreto, o qual dizia que as casas que possuíam compartimentos vagos não podiam negar aluguel. Senão iriam levá-lo preso, se não alojassem imediatamente uma pessoa. Perguntado foi a D'Artagnan se ele queria residir ali. D'Artagnan aí disse: Onde eu residir, não pago aluguel. O judeu, vendo perdidas as esperanças, deixou que D'Artagnan residisse de graça.

Três dos companheiros foram examinar os aposentos, enquanto ia Aramis à procura de um criado, trazendo-o contra a sua vontade. O criado, lá chegado, perguntou quanto era o pagamento (acho que era judeu também). Pediram ao atemorizado dono da casa vinhos, que ele prontamente trouxe, com medo de ser preso, se não anuisse.

E, numa noite, realizou-se naquela casa uma estranha reunião: o ministro da Inglaterra a falar com a rainha da França. E a rainha entregou um broche ao ministro inglês, dizendo que, enquanto ele o tivesse, não haveria guerra entre a Inglaterra e a França. De dentro de um armário, o dono da casa tudo ouviu e, terminada a

secreta conferência, foi referir o que escutara ao primeiro agente do cardeal; e ficou sendo ele próprio espião do cardeal, dali em diante.

O cardeal o contou ao rei — e o rei, para averiguar se a rainha ainda possuía o broche, planejou e anunciou uma festa, que se faria dali a semanas, exigindo que a rainha comparecesse com o broche (coisa impossível, pois o broche estava na Inglaterra).

E eis que a ventura de D'Artagnan o torna contraditório da rainha, que lhe pede se encaminhe, com uma ordem dela, a buscar o broche em Inglaterra. Solicitou ele licença do comandante dos mosqueteiros que lhe concedeu para a viagem a companhia dos três seus amigos, os três mosqueteiros.

Entretanto, o dono da casa, que era espião do cardeal, escutara do forro a conversa dos três mosqueteiros, que combinavam a viagem. Logo que eles saíram, correu ao cardeal e este baixou imediata ordem: que não fossem os mosqueteiros deixados sair da cidade; que fossem mortos, caso insistissem em tal. Mas os mosqueteiros conseguem perfurar a vigilância e — já volta D'Artagnan da Inglaterra, com o broche. Atacado de emboscada por um espião do cardeal, quando desembarcou na costa. Amarrado. Levado, dentro de uma carruagem, em direção a Paris. E, no meio da viagem, o carro passou por uma estalagem, onde era esperado D'Artagnan pelos três companheiros, que o auxiliam e libertam. Consegue-se levar o broche até a rainha, no dia da festa, no qual a rainha apresentou ao rei documentos de uma conspiração tramando a morte do rei, o desterro da rainha e a subida ao trono, do Cardeal de Richelieu.

Assim, se pensasse aquele jovem, que pouco antes vinha para Paris no seu cavalo branco, veterano de duas guerras, se pensasse aquele jovem que seria um dos maiores cavaleiros da toda a França, aquele jovem teria morrido no caminho, de contentamento.

Os nomes dos três mosqueteiros e de D'Artagnan ficaram imortais na história da França.

Será tudo isto histórica verdade ou apenas uma história será? Assim como um sonho de um adolescente, que trava sem muita conversa os duelos contra suas fraquezas e ignorâncias: seis contra três! Que parte empós o broche de sua rainha, que é sua pureza, sua constância, sua tática, sua prudência, sua mortificação, sua luta, sua alegria, felicidade, idéia, seu ideal?

Quem afinal será a rainha, o broche, a espada?

Descobre, leitor, por ti mesmo!

Hamilton

4ª Série B.

História das Coisas

III Reportagem de uma série

O CHOCOLATE

Fiz determo-nos diante de si a vitrina de uma confeitaria; e observamos a profusa quantidade de guloseimas ali expostas. Salientavam-se diversas barras de chocolate e artísticas caixas de bombons. Voltel-me para meu companheiro de "gazetas" e perguntel-lhe:

— Já está na hora da aula?

— Não, não há perigo. Há tempo de sobra.

— Bem, então posso contar-te alguma coisa que talvez não saibas a respeito do que aí está, disse-me — apontando a vitrina com os olhos.

— O que é?

— O chocolate. Você sabe a origem dele?

— Para falar a verdade, não — confessei.

— Pois presta atenção. Começaremos por Botânica. Como sabes, o chocolate é feito de cacau. O cacauzeiro, árvore da família das esterculiáceas, é originário da zona tropical da América Sul. Como a toda planta, também a ele, os botânicos o batizaram gregamente de "Theobrama Cacao". Com um pouco de grego, traduz-se: "Theo" é igual a Deus e "Brama" = alimento.

De facto, o chocolate é o alimento dos deuses, pelo seu sabor doce e qualidades nutritivas. A árvore possui folhas largas, simples ou ovais, penínervas ou brevipetioladas. De suas flores actinomorfas, é de onde nascem os glâmérulos que originam o cacau.

— Puxa! Depois de tantos nomes científicos, falas afinal no cacau. Mas continua, que estou gostando, pediu-me o colega.

— Do cacau se extraem umas sementes achatadas. Estas, após fermentação, secam-se ao ar livre ou em estufas próprias. Por processos fabris, são torradas, desengorduradas e moidas. Do pó resultante é que é preparado o chocolate.

— E a manteiga de cacau, que é vendida nas farmácias?

— Esta é a gordura excedente, que foi extraída, antes de ser a baga reduzida a pó, expliquei.

— Além da manteiga de cacau, existe mais alguma aplicação terapêutica para o chocolate? Ou melhor, para o cacau?

— Só verificando na minha caderneta de apontamentos, pois no momento não estou lembrado. — confessei eu, tirando um pequeno livro, cheio de anotações, o qual comeci a folhear. Achando o que procurava, li:

— Aqui está... "Além de ser de valor refrescante e estimulante, o chocolate contém três por cento de um estimulante alcalóide, a "teobromina". Guardando a caderneta no bolso, continuei:

— Os maiores produtores do chocolate são: Costa-Rica e Brasil, no qual se destacam os estados da Bahia, Pará, Maranhão, Espírito Santo e Amazonas. Após nossa pátria, a Nigéria, o Camerum, Equador e Trinidad. Os importadores são os Estados Unidos e países europeus. Assim conclui, olhando para o relógio significativamente.

— Que é isto? Atrasaste-me para a primeira aula? Por que mentiste que ainda havia tempo de sobra?

— Depois de tantos alunos, queria também apreciar um "professor" gazeteiro. Matamos chocolate nas solas e canelas. O P. Prefeito com certeza não recusará bilhete para entrada em aula — a um "professor de chocolate". Vamos embora!...

José Antônio de Souza Neto
I Científico

E S P O R T E



A D. COLEGIAL NO CAMPO DA LIGA

Colegial e Paula Ramos

Pela primeira vez o Paula Ramos conseguiu abater o Colegial.

Depois dos árduos 90 minutos de jogo, o marcador acusou 3 x 2 pró Paula Ramos.

Sentiu-se a falta de Dinhoca no Colegial por ser este um dos principais integrantes da defesa. O Time dos "Meninos de Ouro" atuou assim constituído: Brognoli, Helinho e Katcips; Bitinho, Gordo e Nazareno; Renato, Motorzinho, Gil, Duduca e Lauro. Os tentos foram assinalados por Gil (de penalti) e Renato. A A. D. Colegial poderia ter conseguido um empate, porém esta oportunidade foi perdida por Lauro que chutou um penalti fora.

Sem dúvida o Colegial foi um adversário forte para o Paula Ramos, credenciado como um dos melhores, talvez o melhor da cidade.

Sendo esta a segunda partida perdida, o Colegial ficou com quatro pontos perdidos.

Com o Paula Ramos, o Colegial disputou as seguintes partidas: em 1943, Colegial 3 x 0. Em 1944, Colegial 3 x 1. Em 1945, no primeiro turno, Colegial 2 x 0, e no retorno, 5 x 0. Desta vez porém perdemos a invencibilidade para o time da Praia de Fôra.

Na partida dos aspirantes, saiu vencedor o Colegial pela contagem de 3 x 1.

C. C. P.

COLEGIAL X FIGUEIRENSE

Em prosseguimento ao campeonato de amadores, defrontaram-se Colegial e Figueirense.

Na partida dos aspirantes, saiu vencedor o quadro do Figueirense pela contagem de 5 x 3.

O Time titular com a presença de Dinhoca, porém com a falta de Lauro, Duduca e Jarbas, pisou em gramado assim constituído: Brognoli, Dinhoca e Katcips; Bitinho, Pedro e Nazareno; Renato, Motorzinho, Gil, Helinho e Osman.

Os tentos foram assinalados por Gil 2, Renato e Osman.

Estreou pela primeira vez o Colegial o centro médio Pedro, fazendo boa impressão apesar de não estar ambientado na posição em que foi colocado.

O Colegial jogou melhor ao ponto de dominar várias vezes e por algum tempo, o seu adversário.

Não foram marcados mais tentos pelo motivo de alguns atacantes nossos temerem o zagueiro contrário Procópio, que aproveitou-se demasiadamente do seu físico.

No Colegial todos jogaram bem destacando-se Brognoli, Katcips, Bitinho, Renato e Gil. Os outros porém não ficaram para trás, achando-se à mesma altura dos de-

mais. Convém notar que Nazareno não atuou como de costume porque pelejou doente.

O primeiro tento do Colegial da autoria de Gil, foi designado nos primeiros cinco minutos de luta. Depois deste tento começou o Colegial a envolver o seu adversário, dando chance para Osman num belo chute marcar o segundo tento do Colegial. O Figueirense iniciou uma reação, conseguindo o seu primeiro tento. Renato porém desfez todas as ilusões do adversário ao assinalar de maneira espantosa o terceiro tento do Colegial.

Terminou assim o primeiro tempo com a contagem de 3 x 1.

No segundo tempo, logo de início o Colegial começou novamente a dominar amplamente o seu adversário, não consignando tentos pelo motivo acima citado.

Com o domínio do Colegial, quase no final da partida, novamente Gil aumentou para quatro o número de tentos do Colegial.

O Colegial lutou com fibra durante os noventa minutos para conseguir este resultado de 4 x 1, frente a um adversário categorizado como é o Figueirense.

Com esta vitória o Colegial ficou classificado em segundo lugar.

São os seguintes os resultados obtidos nas várias partidas disputadas com o Figueirense: em 1944, Colegial 4 x 2. Em 1945, Figueirense 4 x 0 e 4 x 3.

A única pergunta que reina nestes pátios, ou em qualquer lugar que seja que se fale de futebol é a seguinte: GANHAREMOS FRENTE AO AVAI?

Para festejar a vitória alcançada Sábado, os dirigentes ofereceram aos jogadores uma mesa de doces.

Parabens a todos os jogadores e dirigentes, e felicidades frente ao Avai.

A Figueira do Colégio Catarinense



Mandaram-me que fizesse uma redação a teu respeito "Velha Figueira".

Como fiquei contente e pensei: eu não vou só descrever-te, vou procurar fazer algo mais. Vou di-

zer-te o que sinto ao te ver tão imponente e soberba; quero contar-te o quanto te admiro e como me sinto feliz ao sentar-me a tua sombra bemfazeja. Vou fazer este trabalho com sumo prazer e vou esforçar-me para construí-lo da melhor maneira possível, à medida de minhas forças.

Para isso é necessário que voltemos ao passado, ao ano da fundação deste educandário que já conta 4 décadas de feliz e vitoriosa existência; neste ano, em 1906 aí já ver-te-emos, nova ainda, cheia de viço, com teus galhos ainda de um verde brilhante e teu tronco ainda no alvor da vida, sem nenhuma falha, sem nenhum enrugamento.

Ninguém pois, melhor do que tú, a não ser Aquele que é a suma sabedoria, poderá contar melhor, o passado de nosso Ginásio. Tú poderias contar coisas de rir e de chorar, si pudesses falar e exprimir o que sentiste e o que sentes.

A teu respeito poderíamos empregar, aquilo que disse Anatole France ao descrever uma velha ci-

(Conclue na 4ª página)

(Conclusão)

dade da França e dando-lhe o dom da fala: "Vede, eu sou velha, mas eu sou bela". Sim! é verdade! Tu agora já és ainda bela. Quem é que deixa de admirar-te ao entrar neste recinto de estudos? Ao estar sob ti qual é o que não te acha bela ao contemplar teu tronco hercúleo, teus galhos possantes, estendidos em todas as direções a produzirem sombra que nos é tão querida no verão?

Ah! não se pode negar, "Tú és velha mas és bela."

Continuemos ouvindo a velha cidade de Anatole France. "Todos passam mas eu fico para guardar a sua lembrança".

Que palavras poderíamos empregar, a teu respeito, melhor que estas, velha figueira? Não. Não encontraríamos palavras apropriadas que aquelas.

Já viste a tua sombra 3 gerações e tu ainda aí estás a guardar lembranças e saudades de avô, pai e filhos.

Nosso educandário, apenas tinha "nascido" e já vinham a teus pés, jovens, desejosos de um pouco de sombra e para ouvir o choro alegre e apazível do sabiá. Jovens que igual a ti estavam cheios de viço e hoje são avós, cujos netos ainda hoje são, e se Deus te der longa vida ainda, serão alegrados pelo teu imponente aspecto.

Já em 1916, sentava-se, onde hoje nós nos sentamos um jovem que naquele tempo nada tinha de extraordinário, a não ser aplicado nos estudos, mas hoje é uma estrela de primeira grandeza a brilhar no nosso Brasil inteiro e na nossa religião católica.

Esse jovem, como outro qualquer daquele tempo é o orgulho de nosso Ginásio; era aquele que hoje é o Cardeal — Arcebispo do Rio de Janeiro, o mui querido D. Jaime de Barros Câmara. Os anos foram passando... Já ias ficando velha. Teu tronco já não era mais esbelto e gracioso, teus olhos já não tinham o mesmo viço, já se iam tornando nodosos e cheios de parasitas.

Continuaste porém como eras quanto a tua imponência. Foste crescendo, estendendo teus galhos, centuplicando tuas folhas e... aumentando tua sombra.

Hoje aí te ergues, velha mas bela, imponente, magestosa; cheia de segredos, insondáveis, que só tú poderias contá-los.

A quantos passaros deste o lugar para que construíssem seus minúsculos lares, donde saíam novas vidas? Quantos milhares de vezes embalastes esses inofensivos animaizinhos? Quantas vezes estes jovens que te contemplam não fumaram atrás de ti em horas proibidas? Estes e quantos segredos, só tú os sabes, e não podes enumerá-los.

Velha Figueira... agora, mais do que nunc aterás minha gratidão pela tua sombra e minha sincera admiração, pois que teu passado é glorioso.

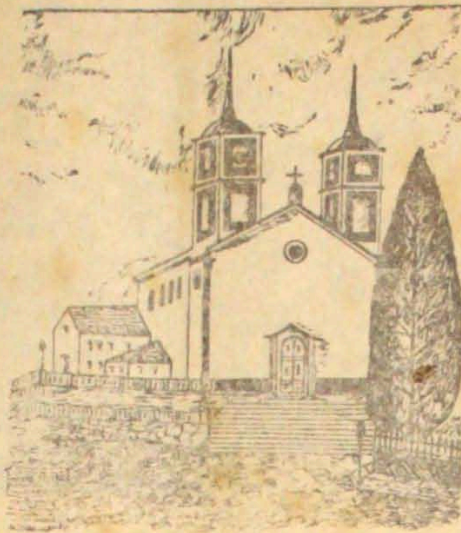
De fato "Eu sou velha mas sou bela" e na verdade. "Todos passam, mas eu fico para guardar a sua lembrança".

Celestino Sachet

3º A.

CATEDRAL DE FLORIANÓPOLIS

(ANTES DA RECONSTRUÇÃO)



A Posição de Santa Catarina

Florianópolis (DEE) — Embora seu território, em 1944, não atingisse 1% da superfície brasileira, e sua população não passasse de 2,74% da nacional, Santa Catarina apresentou, naquele ano, excelente posição relativamente a determinadas espécies de produção: 1º lugar, no Brasil, em madeiras; 2º em carvão, mate, avela, banha, uva, centelo, cevada e trigo; 3º em mármore e salchicharia; 4º em fumo; 5º em arroz, batatinha, feijão, laranjas, mandioca, milho e no número de estabelecimentos industriais.



ACAMPAMENTO EM CANASVIEIRA

II Reportagem de Uma Série

Outras virão a seguir

(Mitologia) os 12 Trabalhos de Hércules

Consta, que Hércules, o homem de força descomunal teve durante sua vida que fazer grandes trabalhos, obrigado por seu primo, o rei Euristeu e a deusa Hera, imortal inimiga do famoso herói.

O 1º trabalho que Hércules foi obrigado a fazer foi o seguinte: Euristeu, rei dos Argivos, invejando a fama de Hércules, resolveu perder o herói, instigado pela deusa Hera. Para tanto, mandou que Hércules matasse o leão de Nemeia, valente animal que causava grande destruição nos rebanhos. Hércules enfrentou a fera e matou-a, asfixiando-a em seus potentes braços.

Desesperado com o sucesso de Hércules, Euristeu enviou-o a nova aventura, desta vez ainda mais perigosa. Tratava-se de matar a Hidra de Lerna, horrível monstro cujas sete cabeças sempre que

desapadas, se cresciam. Hércules enfrentou a hidra e terminou por esmagá-la com a sua clava, depois de longa luta.

O terceiro trabalho que o rei exigiu de Hércules, foi que capturasse a corça Cerinthe, que tinha galhos de ouro e pés de bronze e era mais veloz que o próprio vento. Hércules gastou ano inteiro observando o animal e aguardando o momento propício para prendê-lo. Quando afinal isso conseguiu, triunfante foi ter à presença do rei.

Cada vez mais irritado com os sucessos do primo, Euristeu enviou-o a novo perigo, certo que desta vez não regressaria com vida. O rei lhe exigiu que trouxesse vivo o javali de Erimantos, enorme animal, dotado de incrível força.

Hércules foi ao encontro do javali, evitou o seu ataque, laçou-o, carregou com ele e foi ter à presença do rei.

Euristeu, depois de muito pensar, descobriu um serviço que Hércules talvez não executasse.

Enviou-o pois a lavar as cavalariças do rei Augias, que comportavam 3.000 bois e havia 30 anos não eram limpas, e tudo isso em um dia apenas.

Hércules, por meio de um canal

desviou os cursos dos rios Alfeu e Peneu para dentro dos estábulos e estes ficaram limpos antes de anoitecer.

Como sexto trabalho, Euristeu mandou que expulsasse as aves do lago Stymphalide que possuíam penas de aço e eram extremamente vorazes. Hércules, com muito esforço abateu várias delas, com flechadas certeiras, e as demais, assustadas, fugiram para uma ilha longínqua aonde as foram encontrar Jasão e seus companheiros em sua expedição do velocino de ouro.

Em Creta, havia um touro que pertencia ao rei Minos, e lhe forado de presente pelo deus do mar. Esse touro havia enlouquecido e reduzia a postas quem ousasse dele aproximar-se.

Euristeu incumbiu a Hércules de trazer o tal touro à sua presença e o herói partiu. Dias depois, o herói voltou com o touro depois de ter feito o animal furioso atravessar o oceano a nado e vir montado em suas costas. Foi este o 7º trabalho.

Euristeu, sempre favorecido pela deusa Hera, eterna inimiga de Hércules, mandou que o herói roubasse os cavalos do rei Diomedes, que se alimentavam de carne humana. Hércules, jogou aos animais próprio dono e eles se tornaram mansos, seguindo-o docilmente até à presença de Euristeu.

Afim de não dar descanso ao primo, Euristeu mandou que ele trouxesse o talabarte da rainha das Amazonas. Hércules partiu em companhia de outros valentes, lutou com as Amazonas, venceu Hipólita, sua rainha, apoderou-se do seu talabarte e regressou em seguida vitorioso, com grande despeito de Euristeu.

O trabalho imediato de Hércules foi roubar os novilhos do gigante Ceryon, que possuía três cabeças e era dotado de força descomunal.

Hércules partiu, lutou com o gigante, venceu-o depois de esmagar as suas cabeças uma a uma, capturou os novilhos e levou-os a Euristeu.

Consistia o 11º trabalho em roubar os pomos de ouro do jardim das Ninfas Hespérides. Na viagem o herói libertou. Prometeu de seu suplício e este ensinou o lugar onde se achavam os pomos e aconselhou a Hércules que sustentasse a terra nos ombros enquanto Atlas adormecia o dragão que vigiava o jardim. Hércules assim fez e terminou por roubar os frutos e levá-los ao rei Euristeu.

Quando Euristeu viu Hércules de volta com os pomos, ficou com tamanha raiva que o mandou, imediatamente ao inferno, afim de lhe trazer o cão Cérbero, que tinha 3 cabeças, e cujos pelos eram serpentes. Hércules partiu e depois de muitos perigos e aventuras trouxe o cão ao rei. Euristeu, então, por ordem dos deuses, deixou Hércules em paz e este ainda viveu muitos anos, praticando toda sorte de proezas.

Cid Porto

IV Série A